

pela biblioteca. Dentro da proposta pedagógica adotada à época na instituição, da chamada Escola Candanga, esse era um dos carros-chefe, detalha a professora.

“Para mim, foi o par perfeito. Assumi a biblioteca da escola e comecei a desenvolver projetos de leitura”, relata. A arte de contar histórias ela lapidou também nesse período, ao longo de uma oficina pedagógica oferecida aos profissionais da regional. Durante dois anos, trabalhou a proposta com estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Autoconhecimento

A distância de casa – à época ela morava em Taguatinga – levou à mudança para uma escola do Recanto das Emas e a um desafio comum a muitos professores. “Lá, eu entrei na sala de aula e não consegui me adaptar ao ritmo de novo. Fiquei seis meses na educação infantil e logo consegui me deslocar para trabalhar na área de leitura da regional, onde fiquei um ano mais ou menos”, relembra. Em seguida, passou mais dois anos em sala de aula, trabalhando com alunos do 5º ano, com foco na literatura. Mesmo carregando consigo a paixão pelos livros, a nova função não representou realização profissional, e Adriana entrou num processo de adoecimento.

“Comecei a entrar em depressão, porque eu realmente sentia falta de estar com o livro literário”, revela. Recém-casada e com uma filha de 1 ano, ela tinha dificuldades em encontrar sentido e prazer na carreira. “Eu adoeci, entrei em crise de fibromialgia, fiquei dois anos afastada da secretaria, sem entender o que estava acontecendo. Por que eu estava sentindo dores?”, questionava-se.

Duas coisas ajudaram nesse processo. Uma delas foi a terapia. “Quando você fala dos seus projetos, da literatura, seu tom de voz muda, a sua expressão corporal muda, seu olho brilha”, observou a terapeuta em uma das sessões. “A partir dessa chamada dela, eu comecei a prestar atenção que realmente contar história me dava um prazer inenarrável”, detalha.

A segunda, foi fruto do acaso. Certo dia, assistindo a um programa



O dia a dia nos faz entrar no piloto automático e esquecer da capacidade que a literatura tem de levar a gente para o mundo dos sonhos”

da *TV Cultura*, chamado *Hora da História*, apresentado por um casal que contava histórias e cantava, ela viu os olhos brilharem novamente. Era o início do projeto *Matrakaberta*. Ao lado do marido, Marcelo Tibúrcio, começou a percorrer o Distrito Federal em apresentações para o público infantil. Ela na interpretação e na contação; ele, no violão. Hoje, os dois estão separados, mas a parceria no trabalho continua.

Paralelamente, Adriana seguiu dando aulas na rede pública. “Em cinco anos, desenvolvi um calo nas cordas vocais. Fui, então, readaptada para voltar à biblioteca, de forma a usar a voz apenas para contar histórias.” Ela é a responsável, agora, pela biblioteca do Centro de Ensino Infantil (CEI) 7 de Taguatinga. *A casa sonolenta* (Ática) e

Bruxa, bruxa - Venha à minha festa (Brinque-Book) estão entre as obras preferidas de Adriana para contar aos pequenos. *Mulheres que correm com os lobos* (Ricco) ela considera a mais importante para a trajetória de autoconhecimento.

Ressignificação do espaço

“A figura do velho contador de histórias, embaixo da árvore, deu lugar a um contador de histórias que está entrando na casa das pessoas”, avalia Adriana. A transformação é fruto, na visão dela, dos dois anos de pandemia. “Reinventamos a contação de histórias usando o digital, as plataformas, a nosso favor.”

Para amenizar a distância das dinâmicas na escola, ela gravava vídeos semanais que eram

distribuídos aos alunos. Foi daí que surgiram os bordões que já viraram marcas registradas da educadora. Cercada de pratos, panelas e outros utensílios da casa, ela mostrava, na prática, como era possível dar asas à imaginação mesmo entre quatro paredes. E se, no começo, foi difícil até mesmo para os professores, imagina como não ficou a cabeça dos alunos? “A dificuldade no início era tanta que eu ia fazer live e pendurava um boneco ao lado da câmera para saber que tinha alguém ali me assistindo”, conta, aos risos.

“Para mim, foi desafiador demais, mas foi uma outra linguagem que a gente aprendeu a usar durante a pandemia. Acabamos alcançando parentes, famílias e até crianças que saíram de Brasília e mantiveram o contato”, observa. A volta ao presencial também tem se mostrado desafiadora, mas até nesse momento a contação de histórias contribui para a integração no espaço escolar.

Qual não foi a surpresa de Adriana quando ouviu as turmas responderem em coro ao seu “Era uma vez...” Lembrando dos vídeos gravados na pandemia, os alunos devolviam: “E não era uma vez!” “E aí eu percebi o quanto que eles tinham se envolvido, a alegria. ‘Tia, eu te vi na televisão da minha casa, no meu computador!’, alegre-se ela, e emenda: “Hoje, não preciso mais do boneco (ao lado da câmera)”.

Gente grande também sonha

“Às vezes, o adulto esquece que é bom ouvir história”, confidencia Adriana. “Hoje mais do nunca o mundo está precisando de contadores de histórias, artistas e pintores”, elenca. “O dia a dia nos faz entrar no piloto automático e esquece da capacidade que a literatura tem de levar a gente para o mundo dos sonhos, do espaço em que tudo é permitido.”

Esse é, inclusive, um dos projetos que a professora pretende expandir depois da aposentadoria, no próximo ano. Em alguns encontros com mulheres que tem promovido percebe como o ato de contar histórias pode ser transformador. “Contar para crianças é muito gostoso, mas contar para adultos é disruptivo, é adentrar num lugar que parece meio calcificado.”